

INFORMAÇÃO PARALELA

PONERO

PONEROLOGIA

A Ciência que estuda o Mal

CURSO NWO - 1

Recurso Adicional

**Acesse o site indicado,
faça a sua inscrição, baixe
o Curso.**

**NOVA ORDEM
MUNDIAL**



**Recurso
Adicional**

**CURSO
NWO - 1**

**Zoe_Space
Cursos**

Este é o primeiro curso de uma série sobre a Nova Ordem Mundial e os mestres da escuridão.

ZOE SPACE
Iluminando a travessia

Contato
+9 8107 9490

Itapajé - Ceará - Brasil
cnv@novavida.net www.voxdei.radio.br/flaru

<https://5226553.igen.app/pwa>

Ponerologia

Zoe_Space – Curso NWO – Recurso Adicional

PONEROLOGIA – A Ciência do Mal

PONEROLOGIA

A CIÊNCIA DO MAL

Este trabalho em geral contém referências a conclusões de pesquisas que não foram publicadas por motivos de segurança pessoal do autor, aqui não identificado. Espera-se que as suas descrições, observações e experiências, aqui condensadas de memória, forneçam uma plataforma para um novo esforço para produzir os dados necessários para confirmar novamente o que foi confirmado então.

O mal é mais complexo e elusivo do que a doença na natureza, mas tem semelhanças. A sua gênese revela muitos fatores, de caráter patológico, sobretudo psicopatológico, cuja essência a medicina e a psicologia já estudaram, ou cuja compreensão exige uma investigação mais aprofundada nestes domínios.

Paralelamente à abordagem tradicional, problemas comumente percebidos como morais também podem ser tratados com base em dados fornecidos pela biologia, medicina e psicologia, pois fatores desse tipo estão presentes simultaneamente na questão como um todo. A experiência nos ensina que a compreensão da essência e da gênese do mal geralmente faz uso de dados dessas áreas.

A reflexão filosófica por si só é insuficiente. O pensamento filosófico pode ter engendrado todas as disciplinas científicas, mas as outras

disciplinas científicas não amadureceram até que se tornassem independentes, baseadas em dados detalhados e em um relacionamento com outras disciplinas que fornecem tais dados.

Encorajado pela descoberta muitas vezes “coincidente” desses aspectos naturalistas do mal, o autor imitou a metodologia da medicina.

Como acontece com os médicos e as doenças, ele assumiu os riscos do contato próximo com o mal e sofreu as consequências. Seu objetivo era verificar as possibilidades de compreensão da natureza do mal, seus fatores etiológicos e rastrear sua patodinâmica.

Os desenvolvimentos da biologia, da medicina e da psicologia abriram tantos caminhos que o comportamento acima mencionado revelou-se não apenas viável, mas excepcionalmente fértil.

A experiência pessoal e métodos refinados em psicologia clínica permitiram chegar a conclusões cada vez mais precisas.

Havia uma grande dificuldade: dados insuficientes, principalmente na área da ciência das psicopatias. Esse problema teve que ser superado com base em minhas próprias investigações. Essa insuficiência foi causada pela negligência dessas áreas, dificuldades teóricas enfrentadas pelos pesquisadores e a natureza impopular desses problemas.

No entanto, com base no trabalho meu e de outros naquele tempo trágico do passado, surgiu uma nova disciplina que se tornou nosso farol; dois monges filólogos gregos o batizaram de “PONEROLOGIA” do grego poneros = mal .

O processo da gênese do mal foi chamado, correspondentemente, “ponerogênese”. Espero que esses modestos começos cresçam para nos permitir conhecer e vencer o mal por meio da compreensão de sua natureza, causas e desenvolvimento.

Entre 5.000 pacientes psicóticos, neuróticos e saudáveis, o autor selecionou 384 adultos que se comportaram de maneira que feriu gravemente outras pessoas. Eles vieram de todos os círculos da sociedade polonesa, mas principalmente de um grande centro industrial caracterizado por más condições de trabalho e poluição do ar substancial. Eles representavam várias atitudes morais, sociais e políticas. Cerca de 30 deles foram submetidos a medidas penais muitas vezes excessivamente severas. Uma vez libertas da prisão ou de outra pena, essas pessoas tentavam readaptar-se ao convívio social, o que as fazia tender a ser sinceras ao falar comigo.

Outros escaparam da punição; alguns foram protegidos por um sistema político que é em si um derivado ponerogênico. O autor tinha ainda a vantagem de falar com pessoas cujas neuroses eram causadas por algum abuso que haviam sofrido.

Todas as pessoas acima mencionadas foram submetidas a testes psicológicos e anamnese detalhada para determinar suas habilidades mentais globais, excluindo ou detectando possíveis lesões do tecido cerebral e avaliando-as em relação umas às outras. Outros métodos também foram utilizados de acordo com as reais necessidades do paciente, a fim de criar uma imagem suficientemente precisa da condição psicológica.

Na maioria desses casos, o autor teve acesso aos resultados de exames médicos e exames laboratoriais realizados em estabelecimentos médicos.

Minha bateria de teste básica se assemelhava mais àquelas usadas na Grã-Bretanha do que às versões americanas. Além disso, usei dois testes: um era um antigo teste de desempenho britânico repadronizado para fins clínicos. O outro foi totalmente elaborado por mim. Infelizmente, quando fui expulso da Polônia, tornou-se impossível transferir qualquer um dos meus muitos resultados para outros psicólogos porque fui privado de todos os meus trabalhos de pesquisa, além de quase tudo o mais.

Um psicólogo pode coletar muitas observações valiosas, como as usadas neste trabalho, quando ele próprio é submetido a abusos, desde que o interesse cognitivo supere suas reações emocionais humanas naturais. Caso contrário, ele deve utilizar suas habilidades profissionais para se salvar primeiro. O autor nunca faltou a tais oportunidades, pois seu infeliz país está repleto de exemplos de injustiça humana a que ele próprio foi submetido em inúmeras ocasiões.

A análise de suas personalidades e a gênese de seu comportamento revelou que apenas 14 a 16 por cento das 384 pessoas que machucaram outras não exibiram nenhum fator psicopatológico que pudesse ter influenciado seu comportamento. Em relação a essa estatística, cabe ressaltar que a não descoberta de tais fatores pelo psicólogo não prova a sua inexistência. Em uma parte significativa desse grupo de casos, a falta de prova foi resultado de possibilidades insuficientes de entrevista, imperfeição dos métodos de teste e deficiência de habilidades por parte do testador.

Assim, a realidade natural aparecia em princípio diferente das atitudes quotidianas, que interpretam o mal de forma moralizante, e das práticas jurídicas, que apenas numa pequena parte dos casos julgam a comutação da pena tendo em conta as características patológicas do criminoso.

Muitas vezes podemos raciocinar por meio da hipótese de exclusão, por exemplo, ponderando o que aconteceria se a gênese de um determinado delito não tivesse algum componente patológico. Costumamos então chegar à conclusão de que o fato não teria ocorrido porque o fator patológico selou sua ocorrência ou se tornou um componente indispensável em sua origem.

Sugere-se assim a hipótese de que tais fatores são comumente ativos na gênese do mal.

A convicção de que fatores patológicos geralmente participam de processos ponerogênicos parece ainda mais provável se também levarmos em conta a convicção de muitos estudiosos da ética de que o mal neste mundo representa uma espécie de teia ou continuum de condicionamento mútuo.

Dentro dessa estrutura interligada, um tipo de mal alimenta e abre portas para outros, independentemente de qualquer motivação individual ou doutrinária. Não respeita os limites de casos individuais, grupos sociais e nações. Como os fatores patológicos estão presentes na síntese da maioria das instâncias do mal, eles também estão presentes nesse continuum.

Deliberações posteriores sobre as observações assim obtidas consideraram apenas uma parte dos casos variados acima mencionados, especialmente aqueles que não geraram dúvidas por colidir com atitudes morais naturais, e aqueles que não revelaram dificuldades práticas para análises posteriores (como ausência de maiores contato com o paciente). A abordagem estatística forneceu apenas diretrizes gerais. A penetração intuitiva em cada problema individual e uma síntese semelhante do todo provaram ser o método mais produtivo nessa área.

O papel dos fatores patológicos em um processo de origem do mal pode ser desempenhado por qualquer fenômeno psicopatológico conhecido, ou ainda não suficientemente pesquisado, e também por algumas questões patológicas que a prática médica não inclui dentro da psicopatologia. No entanto, sua atividade em um processo ponerogênico depende de outras características além da evidência ou intensidade da condição. Muito pelo contrário, a maior atividade ponerogênica é alcançada por fatores patológicos em uma intensidade que geralmente permite a detecção com o auxílio de métodos clínicos, embora ainda não sejam considerados patológicos pela opinião do meio social.

Tal fator pode limitar secretamente a capacidade do portador de controlar sua conduta ou ter um efeito sobre outras pessoas, traumatizando suas psiques, fascinando-as, fazendo com que suas personalidades se desenvolvam de forma inadequada ou incitando emoções vingativas ou desejo de punir. Uma interpretação moralista de tais agentes e seu legado trabalha contra a capacidade da humanidade de ver as causas do mal e de utilizar o bom senso para combatê-lo. É por isso que identificar esses fatores patológicos e revelar suas atividades pode muitas vezes sufocar suas funções ponerogênicas.

No processo de origem do mal, fatores patológicos podem atuar dentro de um indivíduo que cometeu um ato lesivo; tal atividade é relativamente facilmente reconhecida pela opinião pública e pelos tribunais. Considera-se com muito menos frequência como as influências externas emitidas por seus portadores agem sobre indivíduos ou grupos.

Tais influências, no entanto, desempenham um papel substancial na gênese geral do mal. Para que tal influência seja ativa, a característica patológica em questão deve ser interpretada de forma moralista, ou

seja, diferente de sua verdadeira natureza. Existem muitas possibilidades para tais atividades. No momento, vamos indicar o mais prejudicial.

Cada pessoa no decorrer de sua vida, e particularmente durante a infância e a juventude, assimila o material psicológico de outras pessoas por ressonância mental, identificação, imitação e outros meios de comunicação, transformando-o para construir sua própria personalidade e visão de mundo.

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele. Pv 22:6 [Nota do Editor]

Se tal material estiver contaminado por fatores patológicos e deformidades, o desenvolvimento da personalidade também será deformado. O produto será uma pessoa incapaz de entender corretamente a si mesma e aos outros, as relações humanas normais e a moral; ela se torna uma pessoa que comete atos malignos com um sentimento ruim de estar com defeito.

As velhas e familiares fraquezas morais e deficiências de inteligência do homem, o raciocínio adequado e o conhecimento combinam-se com a atividade de vários fatores patológicos para criar uma rede complexa de causalidade que frequentemente contém relações de retroalimentação ou estruturas causais fechadas. Na prática, causa e efeito costumam estar muito separados no tempo, o que torna mais difícil rastrear os links.

Se nosso escopo de observação for amplo o suficiente, os processos ponerogênicos são uma reminiscência da síntese química complexa, em que a modificação de um único fator faz com que todo o processo mude. Os botânicos estão cientes da lei do mínimo, segundo a qual o crescimento da planta é limitado pelo conteúdo do componente que está em deficiência no solo.

Da mesma forma, eliminar (ou pelo menos limitar) a atividade de um dos fatores ou deficiências acima mencionados deve causar uma redução correspondente em todo o processo de gênese do mal.

Essa nova disciplina está interessada principalmente no papel dos fatores patológicos na origem do mal, especialmente porque o controle consciente e o monitoramento deles nos níveis científico, social e individual poderiam efetivamente sufocar ou desarmar esses processos. Algo que foi impossível por séculos agora é viável na prática graças ao progresso no conhecimento naturalista. Os refinamentos metodológicos dependem de mais progressos em dados detalhados e da convicção de que tal comportamento é valioso.

Fatores Patológicos

Vamos agora tentar uma descrição de alguns fatores patológicos que provaram ser os mais ativos nos processos ponerogênicos.

Merecem referência algumas figuras históricas, pessoas cujas características patológicas contribuíram (infelizmente) para o processo da gênese do mal em larga escala social, imprimindo a sua marca no destino das nações. Não é uma tarefa fácil estabelecer diagnósticos para pessoas cujas anomalias e doenças psicológicas morreram junto com elas.

Desvios Adquiridos

O tecido cerebral é muito limitado em sua capacidade regenerativa. Se for danificado e a alteração subsequentemente cicatrizar, pode ocorrer um processo de reabilitação em que o tecido saudável vizinho assume a função da porção danificada. Essa substituição nunca é perfeita; assim, alguns déficits em habilidades e processos psicológicos adequados

podem ser detectados mesmo em casos de danos muito pequenos, usando os testes apropriados.

Os especialistas estão cientes das causas variadas para a origem de tais danos, incluindo traumas e infecções. Devemos salientar aqui que os resultados psicológicos de tais mudanças, como podemos observar muitos anos depois, dependem mais fortemente da localização do dano em si na massa cerebral, seja na superfície ou no interior, do que da causa que os trouxe.

A qualidade dessas consequências também depende de quando ocorreram na vida da pessoa. Em relação aos fatores patológicos dos processos ponerogênicos, os danos perinatais ou infantis precoces têm resultados mais ativos do que os danos ocorridos posteriormente.

Em sociedades com assistência médica altamente desenvolvida, verificamos entre as séries iniciais do ensino fundamental (quando os testes podem ser aplicados), que 5 a 7 por cento das crianças sofreram lesões do tecido cerebral que causam certas dificuldades acadêmicas ou comportamentais. Essa porcentagem aumenta com a idade. A assistência médica moderna contribuiu para uma diminuição quantitativa de tais fenômenos, mas em alguns países relativamente incivilizados e em tempos históricos, as indicações de dificuldades causadas por tais mudanças são e têm sido mais frequentes.

A extensão em que certas doenças ocultas tiveram efeitos negativos sobre seus personagens e tomada de decisão histórica, ou desempenhou um papel ponerogênico, pode ser objeto de um estudo separado e avaliação de grande interesse.

Em um segmento muito maior de portadores de danos no tecido cerebral, a deformação negativa de seus personagens cresce com o passar do tempo. Ele assume imagens mentais variadas, dependendo

das propriedades e localização dessas mudanças, seu tempo de origem e também das condições de vida do indivíduo após sua ocorrência.

Chamaremos tais distúrbios de caráter – caracteropatias .

Algumas caracteropatias desempenham papel de destaque como agentes patológicos nos processos de gênese do mal. Caracterizemos assim esses mais ativos.

As caracteropatias revelam uma certa qualidade semelhante, se o quadro clínico não for obscurecido pela coexistência de outras anomalias mentais (geralmente herdadas), que às vezes ocorrem na prática. O tecido cerebral intacto retém as propriedades psicológicas naturais de nossa espécie. Isso é particularmente evidente nas respostas instintivas e afetivas, que são naturais, embora muitas vezes insuficientemente controladas.

A experiência de pessoas com tais anomalias cresce no meio do mundo humano normal ao qual elas pertencem por natureza. Assim, sua maneira diferente de pensar, sua violência emocional e seu egoísmo encontram uma entrada relativamente fácil na mente de outras pessoas e são percebidos dentro das categorias do mundo cotidiano.

Tal comportamento por parte de pessoas com tais distúrbios de caráter traumatiza a mente e os sentimentos das pessoas normais, diminuindo gradualmente a capacidade da pessoa normal de usar seu bom senso. Apesar de sua resistência, as vítimas do personagemopata se acostumam com os hábitos rígidos do pensamento e da experiência patológica.

Se as vítimas são jovens, o resultado é que a personalidade sofre um desenvolvimento anormal levando à sua malformação. Os caracteropatas e suas vítimas representam, assim, fatores ponerogênicos patológicos que, por sua atividade encoberta,

engendram facilmente novas fases na gênese eterna do mal, abrindo a porta para uma ativação posterior de outros fatores que a partir daí assumem o papel principal.

Um exemplo relativamente bem documentado de tal influência de uma personalidade caracteropática em uma escala macrossocial é o último imperador alemão, Guilherme II. Ele sofreu traumatismo craniano ao nascer. Durante e após todo o seu reinado, sua deficiência física e psicológica foi ocultada do conhecimento público. As habilidades motoras da parte superior esquerda de seu corpo eram deficientes.

Neto mais velho da rainha Vitória, Guilherme simbolizou sua era e os aspectos novos-ricos do império alemão. O kaiser sofria de um defeito de nascença que deixou seu braço esquerdo murcho e inútil. Alegava-se que ele superou essa deficiência, mas o esforço para fazê-lo deixou sua marca e, apesar dos esforços de seus pais para dar-lhe uma educação liberal, o príncipe ficou imbuído de misticismo religioso, militarismo, anti-semitismo, a glorificação do poder político.

Alguns alegaram que sua personalidade exibia elementos de um transtorno de personalidade narcisista. Bombástico, vaidoso, insensível e possuído por noções grandiosas do direito divino, seus traços de personalidade eram paralelos aos da nova Alemanha: forte, mas desequilibrado; vaidoso, mas inseguro; inteligente, mas estreito; egocêntrico, mas ansioso por aceitação. [Nota do editor.]

Quando menino, teve dificuldade em aprender gramática, geometria e desenho, que constituem a tríade típica de dificuldades acadêmicas causadas por pequenas lesões cerebrais. Ele desenvolveu uma personalidade com características infantis e controle insuficiente sobre suas emoções, e também um modo de pensar um tanto paranóico que facilmente se esquivava do cerne de algumas questões importantes no processo de esquivar-se de problemas.

As poses militaristas e o uniforme de general compensavam demais seus sentimentos de inferioridade e efetivamente encobriam suas deficiências. Politicamente, seu controle insuficiente das emoções e fatores de rancor pessoal vieram à tona. O velho Chanceler de Ferro tinha que ir, aquele político astuto e implacável que fora leal à monarquia e construíra o poder prussiano. Afinal, ele conhecia demais os defeitos do príncipe e trabalhara contra sua coroação.

Destino semelhante teve outras pessoas excessivamente críticas, que foram substituídas por pessoas com cérebros menores, mais subservientes e, às vezes, discretos desvios psicológicos. A seleção negativa ocorreu.

Uma vez que as pessoas comuns tendem a se identificar com o imperador e, por meio do imperador, com um sistema de governo, o material caracteropático emanado do Kaiser resultou em muitos alemães sendo progressivamente privados de sua capacidade de usar o bom senso. Toda uma geração cresceu com deformidades psicológicas em relação a sentir e entender realidades morais, psicológicas, sociais e políticas.

Você percebe alguma semelhança com os dias atuais? – [Nota do Editor]

É extremamente típico que, em muitas famílias alemãs, tendo um membro que não era psicologicamente normal, tornou-se uma questão de honra (mesmo desculpando conduta nefasta) esconder esse fato da opinião pública e até mesmo da consciência de amigos e parentes próximos. Grandes parcelas da sociedade alemã ingeriram material psicopatológico, juntamente com aquele modo de pensar irrealista em

que os slogans assumem o poder de argumentos e os dados reais são submetidos à seleção subconsciente.

Isso ocorreu durante uma época em que uma onda de histeria crescia em toda a Europa, incluindo uma tendência para dominar as emoções e para o comportamento humano conter um elemento de histerismo. Como o pensamento sóbrio individual pode ser aterrorizado por um comportamento colorido com tal material foi evidenciado principalmente pelas mulheres. Isso progressivamente assumiu três impérios e outros países no continente.

Até que ponto Guilherme II contribuiu para isso, junto com dois outros imperadores cujas mentes também eram incapazes de absorver os fatos reais da história e do governo? Até que ponto eles próprios foram influenciados por uma intensificação da histeria durante seus reinados? Isso daria um tópico interessante de discussão entre historiadores e ponerologistas.

As tensões internacionais aumentaram; O arquiduque Fernando foi assassinado em Sarajevo. Infelizmente, nem o Kaiser nem qualquer outra autoridade governamental em seu país estavam de posse de sua razão. O que dominou os eventos subsequentes foi a atitude emocional de Wilhelm e os estereótipos de pensamento e ação herdados do passado. Guerra eclodiu. Os planos de guerra gerais que haviam sido preparados anteriormente e que haviam perdido sua relevância nas novas condições se desenrolaram mais como manobras militares.

Mesmo aqueles historiadores familiarizados com a gênese e o caráter do estado prussiano, incluindo sua subjugação ideológica de indivíduos à autoridade do rei e do imperador, e sua tradição de expansionismo sangrento, intuem que essas situações continham alguma atividade de uma fatalidade incompreendida que escapa a uma análise. em termos de causalidade histórica.

Uma comparação interessante é o regime de George W. Bush e os neoconservadores. Segue, quase ponto a ponto, a história do Kaiser na Alemanha. [Nota do editor.]

Muitas pessoas ponderadas continuam fazendo a mesma pergunta ansiosa: como a nação alemã pode ter escolhido para um Führer um psicopata palhaço que não escondeu sua visão patológica do governo do super-homem?

Sob sua liderança, a Alemanha desencadeou uma segunda guerra criminosa e politicamente absurda. Durante a segunda metade desta guerra, oficiais do exército altamente treinados cumpriram com honra ordens desumanas, sem sentido do ponto de vista político e militar, emitidas por um homem cujo estado psicológico correspondia aos critérios rotineiros para internação forçada em um hospital psiquiátrico.

Qualquer tentativa de explicar as coisas que ocorreram durante a primeira metade do nosso século por meio de categorias geralmente aceitas no pensamento histórico deixa para trás uma sensação incômoda de inadequação. Só uma abordagem ponerológica pode compensar este déficit na nossa compreensão, pois faz jus ao papel de vários fatores patológicos na gênese do mal a todos os níveis sociais.

A nação alemã, alimentada por uma geração com material psicológico patologicamente alterado, caiu em um estado comparável ao que vemos em certos indivíduos criados por pessoas que são tanto caracteropáticas quanto histéricas. Os psicólogos sabem por experiência com que frequência essas pessoas se permitem cometer atos que ferem gravemente os outros. Um psicoterapeuta precisa de muito trabalho persistente, habilidade e prudência para permitir que

tal pessoa recupere sua capacidade de compreender problemas psicológicos com mais realismo naturalista e utilizar suas faculdades críticas saudáveis em relação ao seu próprio comportamento.

Os alemães infligiram e sofreram enormes danos e dores durante a primeira guerra mundial; eles, portanto, não sentiram nenhuma culpa substancial e até pensaram que eram eles que haviam sido prejudicados. Isso não é surpreendente, pois eles estavam se comportando de acordo com seu hábito habitual, sem estarem cientes de suas causas patológicas.

A necessidade de esconder esse estado patológico em trajes heróicos depois de uma guerra, a fim de evitar a amarga desintegração, tornou-se muito comum. Surgiu uma ânsia misteriosa, como se o organismo social tivesse conseguido se viciar em alguma droga. A fome era por mais material psicológico modificado patologicamente, um fenômeno conhecido pela experiência psicoterapêutica. Essa fome só poderia ser satisfeita por outra personalidade e sistema de governo igualmente patológicos. Uma personalidade caracteropática abriu as portas para a liderança de um indivíduo psicopata. Voltaremos mais tarde em nossas deliberações a essa sequência patológica de personalidade, pois ela aparece como uma regularidade geral nos processos ponerogênicos.

Uma abordagem ponerológica facilita nossa compreensão de uma pessoa que sucumbe à influência de uma personalidade caracteropática, bem como a compreensão dos fenômenos macrossociais causados pela contribuição de tais fatores. Infelizmente, relativamente poucos desses indivíduos podem ser atendidos por psicoterapia apropriada. Tal comportamento não pode ser atribuído a nações que defendem orgulhosamente sua soberania sem reações extremas.

No entanto, podemos considerar a solução de tais problemas por meio do conhecimento adequado como uma visão para o futuro.

Qualquer sociedade que se preocupasse tanto com indivíduos com insuficiência de coagulação sanguínea ou outra patologia grave e com risco de vida protestaria se um homem afligido por tal condição fosse nomeado para um alto cargo responsável por muitas pessoas. Este modelo de comportamento deve ser estendido a muitas patologias, incluindo anomalias psicológicas hereditárias.

Uma compreensão da essência de algumas dessas anomalias hereditárias e seu papel ponerogênico provou ser uma pré-condição necessária para alcançar o objetivo principal.

Numerosos cientistas como R. Jenkins, H. Cleckley, SK Ehrlich, KC Gray, HC Hutchison, F. Kraupl Taylor e outros lançaram mais luz estereoscópica sobre o assunto.

-O-O-O-O-O-

A inteligência média do psicopata, especialmente se medida por meio de testes comumente usados, é um pouco menor do que a das pessoas normais, embora variegada de forma semelhante. Apesar da grande variedade de inteligências e interesses, esse grupo não contém exemplos da mais alta inteligência, nem encontramos talentos técnicos ou artesanais entre eles.

Mas... Sempre que tentamos construir testes especiais para medir “sabedoria de vida” ou “imaginação sociomoral”, mesmo que sejam levadas em conta as dificuldades de avaliação psicométrica, indivíduos desse tipo indicam um déficit desproporcional ao seu QI pessoal.

Eles também se tornam conscientes de serem diferentes do mundo das outras pessoas que os cercam. Eles nos veem de certa distância, como uma variedade paraespecífica.

Eles, portanto, nos observam, tirando conclusões, formando seus diferentes mundos de conceitos. Eles se tornam especialistas em nossas fraquezas e, às vezes, realizam experimentos impiedosos. O sofrimento e a injustiça que eles causam não inspiram culpa neles, uma vez que tais reações dos outros são simplesmente o resultado de serem diferentes e se aplicam apenas a “aquelas outras” pessoas que eles percebem como não exatamente da mesma espécie. Nem uma pessoa normal nem nossa visão de mundo natural podem conceber totalmente ou avaliar adequadamente a existência deste mundo de diferentes conceitos.

Essa habilidade prática torna-se bastante difundida em nações afligidas por esse fenômeno patológico macrossocial em que essa anomalia desempenha o papel inspirador.

O que fica claro em nossas descobertas é que,

(a) as medidas de psicopatia convergiram para um protótipo de psicopatia que envolve uma combinação de características interpessoais dominantes e frias;

(b) a psicopatia ocorre na comunidade e em uma taxa que pode ser maior do que a esperada.

Do ponto de vista lógico, o fluxo de pensamento é ostensivamente correto, embora talvez afastado dos critérios comumente aceitos. Uma análise formal mais detalhada, no entanto, evidencia o uso de muitos paralogismos sugestivos.

Indivíduos com a psicopatia aqui referida praticamente não estão familiarizados com as emoções duradouras do amor por outra pessoa, particularmente o cônjuge; constitui um conto de fadas daquele “outro” mundo humano.

O amor, para o psicopata, é um fenômeno efêmero voltado para a aventura sexual. Muitos Don Juans psicopatas são capazes de desempenhar o papel de amante suficientemente bem para que seus parceiros o aceitem de boa fé. Após o casamento, sentimentos que nunca existiram de verdade são substituídos por egoísmo, egoísmo e hedonismo. A religião, que ensina o amor ao próximo, também os impressiona como um conto de fadas semelhante, bom apenas para crianças e aqueles diferentes “outros”.

Seria de se esperar que eles se sentissem culpados como consequência de seus muitos atos antissociais, mas sua falta de culpa é resultado de todos os seus déficits, que apresentamos aqui.

O mundo das pessoas normais que eles machucam é incompreensível e hostil para eles, e a vida para o psicopata é a busca de suas atrações imediatas, momentos de prazer e sentimentos temporários de poder. Frequentemente, eles se deparam com o fracasso ao longo desse caminho, junto com a força e a condenação moral da sociedade dessas outras pessoas incompreensíveis.

Existem anomalias na forma como os psicopatas processam informações. Pode ser mais geral do que apenas informações emocionais. Em outro estudo de ressonância magnética funcional, examinamos as partes do cérebro usadas para processar palavras concretas e abstratas. Indivíduos não psicopatas apresentaram ativação aumentada do córtex temporal anterior/superior direito. - Psychopathy and Delinquency, W. e J. McCord.

O psicopata sente pouca ou nenhuma culpa. Ele pode cometer os atos mais terríveis, mas vê-los sem remorso. O psicopata tem uma capacidade distorcida para o amor. Seus relacionamentos emocionais, quando existem, são escassos, fugazes e projetados para satisfazer seus próprios desejos. Esses dois últimos traços, ausência de culpa e falta de amor, marcam visivelmente o psicopata como diferente dos outros homens. McCord, W. & McCord, J. Psicopatia e Delinquência. Nova York: Grune & Stratton, 1956.

-O-O-O-O-O-

Em qualquer sociedade neste mundo, indivíduos psicopatas e alguns dos outros tipos desviantes criam uma rede ponerogenicamente ativa de conluíus comuns, parcialmente alienados da comunidade de pessoas normais. Um papel inspirador da psicopatia essencial nesta rede parece ser um fenômeno comum. Eles estão cientes de serem diferentes à medida que obtêm suas experiências de vida e se familiarizam com diferentes formas de lutar por seus objetivos.

O mundo deles está para sempre dividido em “nós e eles”; seu mundinho com suas próprias leis e costumes e aquele outro mundo estrangeiro de pessoas normais que eles veem como cheio de ideias e costumes presunçosos pelos quais são condenados moralmente. Seu senso de honra os leva a enganar e insultar esse outro mundo humano e seus valores em todas as oportunidades. Em contradição com os costumes das pessoas normais, eles acham que quebrar suas promessas é um comportamento apropriado.

Uma das coisas mais perturbadoras sobre os psicopatas com as quais as pessoas normais devem lidar é o fato de que eles aprendem muito

cedo como suas personalidades podem ter efeitos traumatizantes nas personalidades dessas pessoas normais e como tirar proveito dessa raiz de terror para fins de alcançando seus objetivos. Essa dicotomia de mundos é permanente e não desaparece mesmo que eles consigam realizar seu sonho juvenil de ganhar poder sobre a sociedade de pessoas normais.

Isso sugere fortemente que a separação é biologicamente condicionada. No psicopata, surge um sonho como uma utopia de um mundo “feliz” e de um sistema social que não o rejeite nem o obrigue a submeter-se a leis e costumes cujo significado lhe é incompreensível. Sonham com um mundo em que domine sua maneira simples e radical de experimentar e perceber a realidade; onde eles teriam, é claro, segurança e prosperidade garantidas.

Nesse sonho utópico, eles imaginam que esses “outros”, diferentes, mas também mais habilidosos tecnicamente do que eles, deveriam ser postos a trabalhar para atingir esse objetivo para os psicopatas e outros de sua espécie.

“Nós”, dizem eles, “afinal, vamos criar um novo governo, um de justiça”.

Eles estão preparados para lutar e sofrer por causa desse admirável mundo novo e também, é claro, para infligir sofrimento aos outros. Tal visão justifica matar pessoas, cujo sofrimento não as move para a compaixão.

Enfatizar o papel de fatores patológicos na gênese do mal não minimiza a responsabilidade de falhas morais sociais e déficits intelectuais em contribuir para a situação. No entanto, devemos também reconhecer a presença constante e biologicamente determinada em cada sociedade

humana dessa pequena minoria de indivíduos que são portadores de fatores patológicos qualitativamente diversos, mas ponerologicamente ativos. Qualquer discussão sobre o que veio primeiro no processo de gênese do mal, falhas morais ou atividades de fatores patológicos, pode ser considerada especulação acadêmica.

Ideologias

É um fenômeno comum para uma associação ou grupo ponerogênico conter uma ideologia particular que sempre justifica suas atividades e fornece propaganda motivacional.

Mesmo uma pequena gangue de bandidos tem sua própria ideologia melodramática e romantismo patológico. A natureza humana exige que um assunto vil seja aureolado por uma mística supercompensatória para silenciar a própria consciência e enganar a consciência e as faculdades críticas, sejam as próprias ou alheias.

Se tal união ponerogênica pudesse ser despojada de sua ideologia, nada restaria exceto a patologia psicológica e moral, nua e sem atrativos. Tal desnudamento certamente provocaria “indignação moral”, e não apenas entre os membros do sindicato. O fato é que mesmo pessoas normais, que condenam esse tipo de união com suas ideologias, sentem-se magoadas e privadas de algo que faz parte de seu próprio romantismo, sua forma de perceber a realidade quando um grupo amplamente idealizado é exposto como pouco mais que uma gangue de criminosos.

No mundo cheio de injustiça real e humilhação humana, tornando-o propício à formação de uma ideologia contendo os elementos acima, uma união de seus convertidos pode facilmente sucumbir à degradação. Quando isso acontecer, aquelas pessoas com tendência a

aceitar a melhor versão da ideologia tenderão a justificar tal dualidade ideológica.

A ideologia do proletariado, que visava a reestruturação revolucionária do mundo, já estava contaminada por um déficit esquizóide na compreensão e confiança na natureza humana; não admira, portanto, que tenha sucumbido facilmente a um processo de degeneração típica para alimentar e disfarçar um fenômeno macrossocial cuja essência básica é completamente diferente.

Do Manifesto Comunista: “Por proletariado [entende-se] a classe dos trabalhadores assalariados modernos, que, não tendo meios de produção próprios, são reduzidos a vender sua força de trabalho para sobreviver.” [Nota do editor.]

O fascismo parece ser o oposto diametral do comunismo e do marxismo, tanto no sentido filosófico quanto político, e também se opôs à economia capitalista democrática junto com o socialismo e a democracia liberal. Ele via o Estado como uma entidade orgânica sob uma luz positiva, e não como uma instituição projetada para proteger os direitos coletivos e individuais, ou como algo que deveria ser mantido sob controle. O fascismo também é caracterizado por tentativas totalitárias de impor o controle estatal sobre todos os aspectos da vida: político, social, cultural e econômico, que descreve com precisão o que foi passado sob o nome de comunismo.

O estado fascista regula e controla (em oposição à nacionalização) os meios de produção. O fascismo exalta a nação, estado ou raça como superior aos indivíduos, instituições ou grupos que a compõem. O fascismo usa retórica populista explícita; pede um esforço heróico de massa para restaurar a grandeza do passado; e exige lealdade a um único líder, muitas vezes ao ponto de um culto à personalidade.

Mais uma vez, vemos que o fascismo passou por comunismo. Então, o que realmente parece ter acontecido é que os ideais originais do proletariado foram habilmente subsumidos ao corporativismo de Estado. A maioria das pessoas no Ocidente não está ciente disso por causa da propaganda ocidental contra o comunismo.

A palavra “fascista” tornou-se um insulto em todo o mundo desde o impressionante fracasso das potências do Eixo na Segunda Guerra Mundial. No discurso político contemporâneo, os adeptos de algumas ideologias políticas tendem a associar o fascismo a seus inimigos, ou a defini-lo como o oposto de suas próprias visões. Não há grandes partidos ou organizações fascistas autodenominados em qualquer lugar do mundo.

Atualmente, nos EUA, o sistema é muito mais fascista do que democrático, o que provavelmente explica a existência de anos de propaganda anticomunista. Isso demonstraria um processo inicial de ponerização da democracia ocidental que, hoje, quase completou a transformação para o fascismo em pleno desenvolvimento. [Nota do editor.]

Parece que em certas condições históricas, a ideologia de qualquer movimento social, mesmo que seja uma verdade sagrada, pode ceder ao processo de ponerização.

Uma determinada ideologia pode conter pontos fracos ou pode, durante o curso de sua história, ser infiltrada por material estranho contendo fatores ponerogênicos. Tal material destrói a homogeneidade interna de uma ideologia. A fonte de tal infecção por material ideológico estranho pode ser o sistema social dominante com suas leis e costumes baseados em um sistema imperialista de governo.

Ponerologia & Fenômenos Macrossociais

Quando um processo ponerogênico abrange toda a classe dominante de uma sociedade, ou nação, ou quando a oposição de pessoas normais é sufocada – como resultado do caráter de massa do fenômeno, ou pelo uso de meios fascinantes e compulsão física, incluindo censura –, estamos lidando com um fenômeno ponerológico macrossocial.

Ao estudar um fenômeno macrossocial, podemos obter dados quantitativos e qualitativos, índices de correlação estatística e outras observações com a precisão permitida pelo estado da arte da ciência, metodologia de pesquisa e a obviamente muito difícil situação do observador. Podemos então usar o método clássico, arriscando uma hipótese e, então, buscando ativamente por fatos que possam falsificá-la.

O estudo dos fenômenos ponerogênicos macrossociais encontra problemas óbvios: seu período de gênese, duração e decadência é várias vezes mais longo do que a atividade científica do pesquisador. Simultaneamente, ocorrem outras transformações na história, nos costumes, na economia e na tecnologia; entretanto, as dificuldades enfrentadas para abstrair os sintomas apropriados não precisam ser insuperáveis, uma vez que nossos critérios são baseados em fenômenos eternos sujeitos a transformações relativamente limitadas no tempo.

A interpretação tradicional dessas grandes doenças históricas já ensinou os historiadores a distinguir duas fases.

A primeira é representada por um período de crise espiritual de uma sociedade, que a historiografia associa ao esgotamento dos valores ideativos, morais e religiosos que até então alimentavam a sociedade em questão. O egoísmo entre indivíduos e grupos sociais aumenta, e os

vínculos do dever moral e das redes sociais parecem estar se afrouxando.

Dinâmica Social e Cultural, Volume Quatro: Problemas Básicos, Princípios e Métodos, Nova York: American Book Company. SOROKIN, Pitirim. (1957). Dinâmicas sociais e culturais, revisão de um volume. Boston: Porter Sargent. Simonton, Dean Keith. (1976). “Os dados de Sorokin apóiam sua teoria?: Um estudo das flutuações geracionais nas crenças filosóficas.” *Journal for the Scientific Study of Religion* 15: 187-198.

Os assuntos triviais então dominam a mente humana a tal ponto que não há espaço para pensar em assuntos públicos ou um sentimento de compromisso com o futuro. Uma atrofia da hierarquia de valores no pensamento dos indivíduos e das sociedades é uma indicação disso. O governo do país está finalmente paralisado, impotente diante de problemas que poderiam ser resolvidos sem grandes dificuldades em outras circunstâncias.

A próxima fase foi marcada por tragédias sangrentas, revoluções, guerras e a queda de impérios.

Um historiador que observa essas grandes doenças históricas fica impressionado antes de tudo por suas semelhanças, esquecendo-se facilmente de que todas as doenças têm muitos sintomas em comum porque são estados de ausência de saúde.

A nossa geração está profundamente doente/decadente pela multiplicação da iniquidade [nota do editor].

Estados de Histerização Social

A natureza contagiosa dos estados histéricos fora descoberta e descrita por Jean-Martin Charcot (1825 - 1893) neurologista francês. Seu trabalho teve grande impacto nos campos em desenvolvimento da neurologia e da psicologia. Charcot se interessou pela doença então chamada de histeria.

Charcot acreditava que um estado hipnotizado era muito semelhante a um surto de histeria e, portanto, hipnotizava seus pacientes para induzir e estudar seus sintomas. Ele foi o único responsável por mudar a opinião da comunidade médica francesa sobre a validade da hipnose.

É praticamente impossível que a histeria se manifeste como um mero fenômeno individual, pois é contagiosa por ressonância psicológica, identificação e imitação. Cada ser humano tem **uma predisposição** para esta malformação da personalidade, ainda que em graus variados, embora seja normalmente superada pela educação e autocriação, que são passíveis de pensamento correto e autodisciplina emocional.

Quando o “ego” governa, o sentimento de vínculos sociais e de responsabilidade para com os outros desaparece, e a sociedade em questão se fragmenta em grupos cada vez mais hostis uns aos outros. Quando um ambiente histórico para de diferenciar as opiniões de pessoas limitadas e não exatamente normais daquelas de pessoas normais e razoáveis, isso abre a porta para a entrada dos fatores patológicos de várias naturezas.

Indivíduos que já conhecemos, regidos por uma visão patológica da realidade e metas anormais causadas por sua natureza diferente, são capazes de desenvolver suas atividades nessas condições.

Se uma determinada sociedade não consegue superar o estado de histerização em suas circunstâncias etnológicas e políticas, uma enorme tragédia sangrenta pode ser o resultado.

PONEROLOGIA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ponerologia utiliza o progresso científico das últimas décadas e últimos anos, especialmente nos domínios da biologia, psicopatologia e psicologia clínica. Esclarece ligações causais desconhecidas e analisa os processos da gênese do mal.

Uma abordagem ponerológica facilita a compreensão de algumas das dificuldades mais dramáticas da humanidade em ambos os níveis, o macrossocial e o individual humano. Esta nova disciplina permitirá alcançar primeiro soluções teóricas e depois práticas para problemas que tentamos resolver por meios tradicionais ineficazes, resultando em sentimentos de desamparo contra as marés da história.

A ponerologia estuda a natureza do mal e os complexos processos de sua gênese, abrindo assim novos caminhos para combatê-lo. Aponta que o mal tem certas fraquezas em sua estrutura e gênese que podem ser exploradas para inibir seu desenvolvimento, bem como para eliminar rapidamente os frutos de tal desenvolvimento.

É de suma importância que saibamos desvendar o nó górdio do presente, composto pelo fenômeno patológico macrossocial que ameaça nosso futuro.

As sociedades têm o direito de se defender contra qualquer mal que as assedie ou as ameace. Os governos nacionais são obrigados a usar meios eficazes para esse fim e usá-los da maneira mais habilidosa possível.

O maior problema está, é claro, quando o mal existe no próprio governo que ameaça e assedia o povo. [Nota do editor.]

Recurso Adicional

NOVA

ORDEM



INSCREVA-SE
PERGUNTE
COMENTE



Preencha o Formulário

Aguarde contato

Mais Informações
+55 85 98107 9490

MUNDIAL

Curso NWO - 1



ZOE_SPACE